

ESCUTAR SILÊNCIOS HERDADOS

NOTAS E FRAGMENTOS DE PESQUISA

Mayumi Aibe é doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. E-mail: mayaibe@gmail.com

Resumo

Escrito a partir de curtos fragmentos de notas de pesquisa, este artigo se baseia em uma noção ampla de escrita ensaística para abordar projetos fotográficos da artista japonesa Chikako Yamashiro relacionados ao legado da Segunda Guerra Mundial em Okinawa, ilha ao sul do Japão. O objetivo é sugerir como esses trabalhos podem contribuir para uma reflexão sobre a experiência de se ouvir silêncios herdados.

Abstract

This article is based on short fragments of research notes, differing from standard academic writing. It discusses photographic projects by Japanese artist Chikako Yamashiro related to World War II legacy in southern island of Okinawa, Japan. The goal is to suggest how these works may contribute to a reflection on the experience of hearing inherited silences.

1) Introdução

Este artigo apresenta em quatro seções pequenos fragmentos escritos a partir das notas de pesquisa da minha tese de doutorado, cujo título provisório é *Escutar silêncios herdados*.¹ A primeira seção, intitulada “Herança e desvio”, traz impressões pessoais sobre uma fotografia da artista japonesa Chikako Yamashiro, nascida em Okinawa, ilha no extremo Sul do Japão. A segunda, “Férias em Okinawa”, aborda cenários e questões relacionados a esta fotografia de Yamashiro, porém numa tentativa de escapar de uma narrativa linear. Assim, há uma certa sobreposição ou colagem de informações de pesquisa bibliográfica e na internet e de textos ensaísticos em fragmentos. A terceira seção, “Lição 5, adjetivos: Uma praia bonita”, retoma discussões da anterior numa chave diferente, tendo como inspiração inicial o capítulo de um livro didático de língua japonesa em que os personagens vão passar as férias de verão em Okinawa. O objetivo da lição é ensinar os fundamentos gramaticais para o uso de adjetivos em japonês oficial — já o desta seção é se aproximar das questões mais delicadas, silenciadas e duras que Chikako Yamashiro torna presentes em suas fotografias. Por fim, a última seção esboça sugestões sobre a experiência de ouvir silêncios herdados, uma reflexão despertada a partir da pesquisa sobre as obras da artista japonesa.

É importante ressaltar que o investimento numa escrita experimental não linear está relacionado ao modo como entendo a “herança” nesta pesquisa. Embora o termo seja mais discutido nos estudos literários no âmbito das relações de influências e dívidas que ligam autores e estilos, aqui desejo observar uma herança que nos toca silenciosamente, algo presente no silêncio, cujas origens e motivações são impossíveis de serem compreendidas com clareza. Se é que alguma vez existiram, já estão perdidas irreparavelmente.

Também cabe explicitar aqui que esses fragmentos de escrita se apoiam apenas no seu próprio inacabamento, na força possível do esboço de um caderno. Pendem insuficientes. Afinal, antes de dizer, este projeto desejou e deseja ouvir silêncios —

¹ Iniciado em 2013, este projeto recebeu apoio da CAPES e da Comissão Fulbright para pesquisa na Universidade de Cornell (EUA), entre 2014 e 2015.

talvez por isso esta necessidade de assumir um equilíbrio frágil e precário. Equilíbrio num pé só, no pé do ouvido.

A escrita ensaia, tenta ensaiar, performar seu próprio objeto de escrita.

2) Herança e desvio

O rosto da artista é suavemente iluminado na fotografia. Nariz, bochechas e boca são destacados pela luz vinda de cima, quase divina. Ela está coberta por abraços de idosos — os braços femininos podem ser identificados pelos anéis dourados nos dedos, usados em duplas na mão direita.

A mão de uma das senhoras divide horizontalmente a imagem — ela aperta a bochecha da artista Chikako Yamashiro. Seus lábios brilham em um tom jovial de vermelho, em contraste com as peles cheias de rugas, manchas, vincos e veias dos velhos que tocam a artista.

Além do rosto de Yamashiro, a única face à mostra na foto é a de uma senhora atrás dela. Não é possível ver seus olhos, apenas seu nariz e parte da bochecha e da boca. A textura e cor de sua pele são de alguém excessivamente velho. Ela envolve a artista com os braços e repousa a mão sobre sua testa, deixando à mostra uma parte da franja.

Os braços se misturam e se sobrepõem ao tocá-la, escondendo os contornos do seu corpo. Yamashiro poderia facilmente ser confundida com uma criança, uma menina, embora tivesse mais de 30 anos quando a foto foi tirada.

Através do toque, as gerações se aproximam, e, ao mesmo tempo, abismos são evidenciados. O que eles conseguem tocar, afinal? O que o toque poderia transmitir de uma geração para outra?

A cena é de ternura, como a imagem de uma criança sendo afagada? Ou também passa uma espécie de sufocamento, pela quantidade de mãos envelhecidas envolvendo o corpo de Yamashiro? Acalentar, sufocar, acolher... seria tênue demais a linha visível separando um gesto do outro?

A artista parece reagir com sua mão voltada para trás, encostando no braço da idosa que a abraça. Seria um gesto de acolhimento? De contenção diante dos abraços dos velhos?

Esta fotografia faz parte da série *Herança Virtual* (2008),² de Chikako Yamashiro, artista japonesa integrante dos projetos *Zanshō no oto* e *Still Hear the Wound*.³ Depois de observar sua imagem por algum tempo, alguns pensamentos ficaram despertos: como podemos criar modos de ouvir silêncios? O silêncio também se herda?

² バーチャル継承, título original em japonês, foi traduzido em inglês como *Virtual Inheritance*.

³ Iniciado em 2006 e organizado pela coreana Lee Chonghwa, professora da Universidade Seikei, em Tóquio, o projeto colaborativo *Zanshō no oto* reúne artistas e pesquisadores em torno da tentativa de reimaginar articulações e possibilidades para os termos “Ásia”, “política” e “arte”, criando modos de ouvir os murmúrios de pessoas cujas vidas e mortes aconteceram nos bastidores da política e da história da Ásia Oriental (JENNISON, 2015). Em 2009, foi publicado no Japão o livro de mesmo título, com artigos e trabalhos artísticos dos participantes dos encontros e seminários promovidos por Lee Chonghwa

Algo diz em voz baixa: essa é uma fotografia sobre experiências silenciadas, indesejadas, de uma época aparentemente distante. Por alguma razão encontraram formas de sobrevivência. São incômodas.



Fonte: Blog da artista Chikako Yamashiro

— a edição inclui ainda um DVD com fotografias, performances e entrevistas com artistas do grupo. A partir da colaboração com a professora Rebecca Jennison, da Universidade Seika de Quioto, a professora Brett de Bary, dos departamentos de Estudos Asiáticos e Literatura Comparada da Universidade de Cornell, instigou o debate das questões de *Zanshō no oto* nos Estados Unidos, especialmente a partir do workshop multimídia *Still Hear the Wound: Art, Affect, and Post-Colonial Memory in Japan*, realizado em 6 de março de 2015, no campus da universidade, e da seleção e tradução dos textos de *Zanshō no oto* para publicação no livro *Still Hear the Wound: Toward an Asia, Politics, and Art to Come* (BARY; CHONGHWA; JENNISON, 2015).

3) 'Férias em Okinawa'



Visite esta ilha tropical no sul do Japão e relaxe em suas belas praias, pratique mergulho e explore um dos maiores aquários do mundo.

Com esportes aquáticos emocionantes e um belíssimo cenário natural, Okinawa é um paraíso tropical sedutor com um passado fascinante.

Relaxe em praias de areia branca, observe a alimentação de tubarões-baleia brancos no aquário e visite o histórico castelo que era o lar dos antigos senhores de Okinawa.

Fonte (imagem): Google Imagens, primeiro resultado da busca com a palavra "Okinawa", em 15 de novembro de 2015

Fonte (texto): Site da empresa de turismo Expedia

Os kanjis de “mar aberto” e “corda”. Oki. Nawa.

Em japonês: 沖縄. Okinawa.

Quando a artista Chikako Yamashiro nasceu, em 1976, a prefeitura⁴ de Okinawa havia retornado recentemente ao controle japonês, após 27 anos sob ocupação norte-americana. Pesquisadores e críticos usam com frequência o termo “reversão” para se referir a esse momento histórico, pois a palavra está no título do acordo assinado em 1971 entre Estados Unidos e Japão. Se, certamente, não se trata da reversão ou do retorno à situação anterior à Segunda Guerra Mundial, algo impossível, tampouco essa palavra descreve confortavelmente a relação do governo japonês com a região. Até hoje, cerca de 75% das bases militares dos EUA no Japão operam em Okinawa, ocupando aproximadamente 20% de sua ilha principal.⁵

Desde o fim da guerra, quando o Japão renunciou ao direito de recorrer a confrontos armados e se tornou um aliado crucial na Ásia, a manutenção das bases em território japonês tem relevância para a estratégia militar norte-americana. Okinawa representa um ótimo custo benefício para os dois governos: é a prefeitura mais distante de Tóquio e, ao mesmo tempo, a mais próxima de cidades como Xangai, Hong Kong, e Manila. Assim, além de receber proteção, o Japão preserva seu centro financeiro, político e cultural dos problemas causados pelo funcionamento das bases militares, e os Estados Unidos, seus interesses de posicionamento global pós-11 de setembro.

Okinawa já foi o centro do reino de Ryūkyū,⁶ independente política e comercialmente até o começo do século 17. Na época, a China exercia forte influência econômica e cultural, cobrando tributos do arquipélago. Em 1609, a situação se alterou, com a invasão do clã Shimizu de Satsuma, autorizada pelo xogunato Tokugawa. O reino passou a pagar impostos também aos colonizadores japoneses. Na Era Meiji (1867-1902), quando o imperador japonês assumiu o comando político-administrativo e iniciou um processo de modernização e expansão imperialista para tornar o Japão a principal potência na Ásia, os interesses em assimilar Okinawa se intensificaram. Em 1879, o império japonês anexou oficialmente a região a seu território, assegurando maior controle — assim como ocorreu quando Taiwan, em 1895, e Coreia, em 1910, tornaram-se formalmente colônias do Japão. Iniciado em 1880, o ensino de língua japonesa na prefeitura de Okinawa foi reforçado com o Decreto Imperial sobre Educação, de 1890. Nos extremos do país, ao norte e ao sul, onde as medidas para

⁴ Equivale a um estado no Brasil. Em português, também se diz “províncias” em referências às prefeituras japonesas, como no site do Consulado Geral do Japão em São Paulo. Em japonês, há quatro tipos de prefeitura, abarcados pela expressão 都道府県 (to•dō•fu•ken). Okinawa é um “ken” (県).

⁵ PAJON, 2010; JENNISON, 2014; REYNOLDS; SHARP, 2015.

⁶ O nome das Ilhas Ryūkyū, arquipélago cuja maior ilha é Okinawa, é herança desse passado. Em japonês, outra denominação para as Ilhas Ryūkyū indica apenas sua localização a sudoeste: 南西諸島 (Nansei-shotō).

promover o uso da língua nacional foram adotadas mais severamente, os alunos eram proibidos de falar as diversas línguas locais. Após a vitória do Japão na Guerra Sino-Japonesa, em 1895, ficou evidente que, apesar da histórica relação com a China, Okinawa pertenceria cada vez mais ao governo japonês. (BHOWMIK, 2008; PAJON, 2010; ZOHAR, 2012).

Localizada ao sul de Okinawa, a capital Naha, onde Chikako Yamashiro cresceu, foi praticamente toda reconstruída após a Segunda Guerra. Aliás, seu clima subtropical úmido coincide com o de uma cidade-irmã: São Paulo.

Mais um acordo político, pequeno, uma amizade declarada em lei municipal.

Lei nº 14.471, de 10 de julho de 2007, da Prefeitura de São Paulo.

No mês de outubro, acontece um festival de três dias nas ruas de Naha, com danças e performances tradicionais. A programação de 2015 incluiu um show com dois personagens da Disney adorados no Japão: Mickey e Minnie.

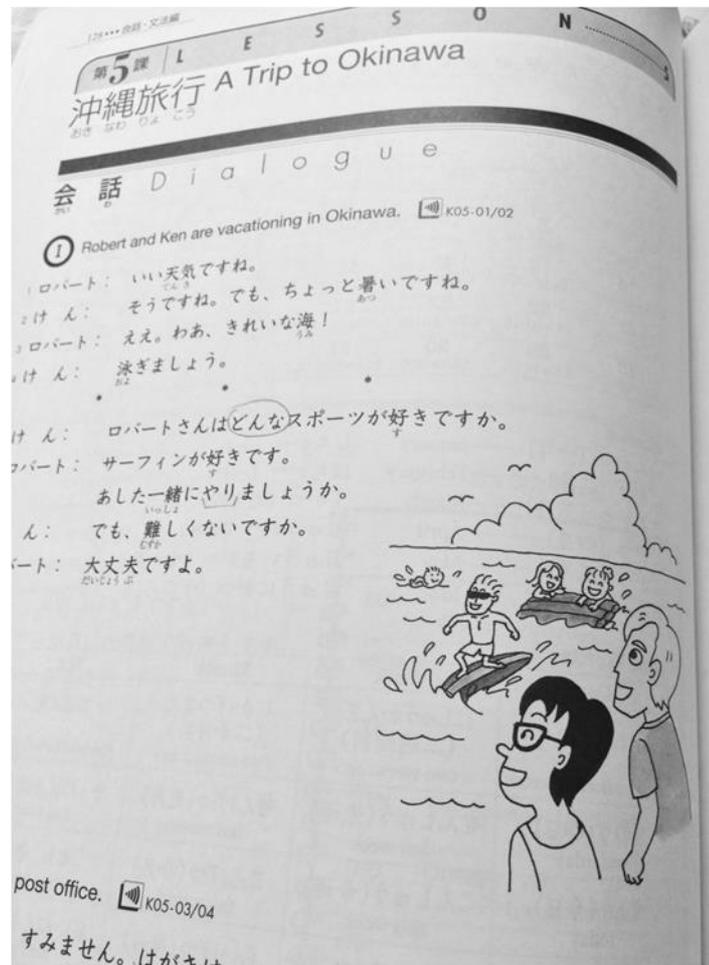
Uma corda gigantesca, feita de palha, é a principal atração da festa. Milhares de pessoas participam do cabo de guerra, simulando um ritual celebrado em épocas passadas.

O que moradores, militares norte-americanos e turistas do mundo todo encenam na grande avenida de Naha? No meio da multidão e da brincadeira, puxando, suando, sem ver direito a extensão da corda, alguém se importa com qual lado está ganhando?

Guerras foram travadas em torno das línguas nativas, da cultura e das artes de Okinawa. Hoje, o que resta?

Um mar aberto. Alguns pedaços de corda.

4) Lição 5, adjetivos: uma praia bonita



Fonte: Acervo próprio, livro didático de língua japonesa amplamente usado nos Estados Unidos.

“O turismo de Okinawa nasceu das ruínas da guerra”, afirma o historiador Gerald Figal no livro *Beachheads: War, Peace, and Tourism in Postwar Okinawa*. Na região sul da ilha principal, a mais devastada durante os confrontos, concentra-se a maior parte da infraestrutura turística, fundada nos anos 1950 em torno de visitas a locais de batalhas, memoriais, sepulturas coletivas, ossários e cavernas usadas por militares e moradores. Os primeiros interessados eram funcionários norte-americanos das forças de ocupação, veteranos japoneses e famílias que perderam parentes na Batalha de Okinawa (Figal, 2012).

Beachheads é uma expressão criada na Segunda Guerra Mundial: significava uma praia conquistada e defendida para servir de apoio a futuros ataques no território inimigo. Como o livro discute, as praias remetem ao cruzamento dos tropos “palco de batalha sangrenta” e “paraíso tropical”, costurados à história de Okinawa no pós-guerra com conotações diferentes dependendo do momento e da perspectiva.

Devido à desproporção de poderio militar, por mais que houvesse forte resistência, era uma questão de tempo a vitória norte-americana no último confronto travado em solo contra forças japonesas, iniciado em 1º de abril de 1945. Após 82 dias de campanha, os Estados Unidos conquistaram um território importante para lançar novos ataques aéreos contra as principais cidades japonesas.

Estima-se mais de 200 mil mortos na Batalha de Okinawa. A maioria das vítimas eram moradores da ilha, que perdeu mais de um quarto de sua população civil. As consequências físicas e emocionais dessa devastação desafiam até hoje o significado de “pós-guerra”.

No mercado turístico atual, desenvolvido sobretudo a partir da década de 1960, o termo “Ryūkyū” aparece no sentido de “a Okinawa tradicional”, um atrativo cultural vendido em pacote com as praias. No período anterior à guerra, referências ao antigo reino Ryūkyū tinham uma nuance negativa, discriminatória, caracterizando algo como “pouco japonês” ou não civilizado. A imagem de Okinawa estava associada no restante do Japão a um local atrasado, pré-moderno e sem recursos naturais. (Figal, 2012).

O caso do Pavilhão Humano⁷ é evocado nos debates sobre identidades, raça e preconceitos no Japão contemporâneo. A polêmica aconteceu na Quinta Exposição Nacional para Promoção da Indústria, realizada em 1903, no Parque Tennōji, em Osaka. Organizado com base no discurso científico da Antropologia moderna, o evento gerou protestos ao exibir no “Pavilhão Humano” pessoas em vestimentas étnicas, diante das habitações típicas de seus povoados. Entre eles, haviam Ainus — povo nativo de Hokkaido, ilha ao norte do Japão —, aborígenes de Taiwan, indianos, um turco e um africano. Duas prostitutas trazidas de Okinawa foram apresentadas ao público como “mulheres da corte de Ryūkyū”. (BHOWMIK; 2008).

Segundo Gerald Figal, hoje em dia o material promocional das agências de turismo costuma dar ênfase às maravilhas tropicais e do passado do reino de Ryūkyū. Os memoriais de guerra ficaram em segundo plano. Geralmente, os panfletos mostram apenas imagens da Batalha de Okinawa já conhecidas pelos turistas vindos do território

⁷ Em japonês, *jinruikan jiken* (人類館事件).

central japonês. Mesmo assim, o historiador aposta no potencial de iniciativas locais de narrar a memória da guerra, para confundir mais do que confirmar essas imagens. Para ele, é nos locais de visitação, nas apresentações sobre temas ligados à guerra, que a história “enlatada” pode começar a vaziar.

O ponto mais incômodo e controverso dessa história é a responsabilidade do governo japonês no alto número de civis mortos na Guerra de Okinawa. Sobreviventes relatam que milhares de pessoas morreram em suicídios coletivos forçados pelo exército imperial japonês, usando granadas de mão, ferramentas improvisadas, enforcamentos, entre outros recursos desesperados, antes mesmo do começo da batalha.

No artigo “The Politics of Trauma: Compulsory Suicides During the Battle of Okinawa and Postwar Retrospectives”, o historiador Steve Rabson apresenta um panorama da complexidade de questões envolvidas na barbárie. A perspectiva nacionalista da direita se apoia no fato de não existirem documentos oficiais comprovando diretamente a coerção exercida contra civis para argumentar que os suicídios teriam sido uma demonstração da vontade do povo de se sacrificar em prol do império. De fato, conforme a política imperial difundida na época, era preferível morrer à vergonha e humilhação de acabar capturado pelo inimigo. No entanto, como súditos de uma província anexada tardiamente, os residentes de Okinawa sofriam pressões mais violentas para comprovar a sua lealdade. Além disso, diz Rabson, a crença na inferioridade racial e cultural do povo local era mais difundida entre os militares. Um dado histórico é usado para ajudar a legitimar os testemunhos dos sobreviventes que viram parentes e amigos serem coagidos a cometer suicídio: nas ilhas de Okinawa sem unidades do exército japonês, os moradores responderam aos chamados dos soldados nipo-americanos, atuando como tradutores, e se renderam pacificamente.

No Japão pós-guerra, a suposta falta de documentação “científica” a respeito da morte de civis na Batalha de Okinawa foi usada como justificativa para censurar menções aos suicídios coletivos forçados. Os livros adotados nas escolas aparecem no centro dessa disputa. Mais recentemente, em 2007, o Ministério da Educação aprovou revisões no texto de livros didáticos de História, de modo a eliminar a relação entre os suicídios em massa e as ações do exército imperial (RABSON, 2010).

5) Ouvir imagens



Fonte: Site da exposição

As fotografias, em cores e em preto e branco, foram tiradas em 2008 e exibidas por Chikako Yamashiro na instalação *Herança Virtual*, no Museu de Arte Sakima. Elas fizeram parte da exposição “Into the Atomic Sunshine — Post-War Art under Japanese Peace Constitution Article 9”, realizada entre abril e maio de 2009, com cooperação da Galeria Rougheryet. Além de Sakima, localizado na cidade de Ginowan, a poucos metros da base área norte-americana de Futenma, a mostra também ocupou duas galerias do museu da Prefeitura de Okinawa, em Naha.

De acordo com Laura Hein e Rebecca Jennison (2011), Yamashiro começou a se interessar pelo tema das narrativas e memórias de guerra após de junho de 2007, quando o governo japonês alterou passagens em textos didáticos de História, de modo a negar que o exército imperial forçou civis a cometerem suicídio na Batalha de Okinawa.

A artista decidiu entrevistar idosos em asilos de Okinawa. Yamashiro comentou esse trabalho em entrevista à artista Soni Kum:⁸ “Ao falar da guerra, havia um momento que os idosos paravam, caíam no silêncio. Começavam a tremer ou chorar.

⁸ Yamashiro Chikako, entrevista com Soni Kum, *Zanshō no oto*, DVD, Iwanami Shoten, 2009. Tradução do japonês para o inglês por Andrew Harding.

Simplesmente pedi para eles me tocarem e expressarem o que estavam sentindo de algum outro modo. Todos me envolveram, tocando e me acalentando como um bebê.”

No catálogo online da exposição, o trabalho de Yamashiro é descrito por meio desta pergunta: “Mesmo sem jamais terem experimentado a guerra, os nossos corpos podem herdar a experiência da Batalha de Okinawa?”.⁹

Imprimir em imagens a experiência de ouvir feridas caladas, porém ainda ressonantes. Feridas não tratadas de uma geração que viveu a Segunda Guerra Mundial na Ásia e, hoje, transmite seus últimos testemunhos. Somos seus herdeiros inevitáveis, embora extremamente distantes, no tempo e na vida, incapazes de perceber e compreender os fragmentos de um legado que será deixado — para trás?

Nas fotografias de Chikako Yamashiro das séries *Herança Virtual* e *Coro da música*, as texturas da pele das pessoas retratadas surgem em riqueza de detalhes, especialmente com os contrastes de sombra e luz. Ao mesmo tempo, há um grande vazio, imperceptível somente a partir do estímulo visual. Sem explicitar a dor daquelas pessoas ou das experiências passadas, os procedimentos da artista estimulam sensibilidades em cruzamento, em sinestesia: abre-se possibilidades para percebermos o tamanho do silêncio de uma geração.

Embora o tempo e a memória sejam irrecuperáveis, Yamashiro, velhos, jovens e crianças de Okinawa resistem em tentativas de tocar ou se aproximar das falhas silenciosas da história oficial. Ouvir sussurros: um desejo a concentrar a importância do gesto de tocar peles, tecidos, a terra.

Assim como o esquecimento (GOÉS, 2015), o silêncio nunca é totalmente preenchido. As palavras não podem revertê-lo ou apagá-lo por completo. Yamashiro cria formas de ouvir silêncios que existem não por decisão consciente dela. São formas de herança, sobram na casa como indesejáveis manchas nas paredes, permanecendo depois que os móveis se vão. Suas fotografias não recuperam o discurso articulado, não explicam racionalmente a história, tampouco o encadeamento de acontecimentos.

Este artigo, de escrita fragmentada, insuficiente, resiste em busca dos ecos da provocação de Rosalind C. Morris (2010) na introdução de *Can the subaltern speak? Reflections on the history of an idea*, volume crítico sobre o célebre ensaio de Gayatri Spivak: “Embora *Pode o subalterno falar?* tenha respondido negativamente à sua própria questão, a pergunta que desdobra — como podemos aprender a escutar? — permanece radicalmente aberta”. Nesse sentido, imagens que nos convidam a experiências de sinestesia oferecem caminhos promissores, especialmente quando se trata de aprender a escutar silêncios, balbucios, murmúrios.

⁹ Tradução livre minha da seguinte frase no catálogo em inglês: “Can our bodies, which have never experienced war, inherit the Okinawa war experience?”.



Fotografia da série *Coro da Música*, de Chikako Yamashiro

Referências

BARY, Brett de; CHONGHWA, Lee; JENNISON, Rebecca (Orgs.). **Still Hear the Wound: Toward an Asia, Politics, and Art to Come**. Ithaca: Cornell University East Asia Program, 2015.

BHOWMIK, Davinder L. **Writing Okinawa: Narrative acts of identity and resistance**. Abingdon; Nova York: Routledge, 2008. Versão e-book.

CHONGHWA, Lee (Org.). 残傷の音: 「アジア・政治・アート」の未来へ (**Zanshō no oto: ajia, seiji, aato no mirai e**). Tóquio: Iwanami Shoten, 2009.

FIGAL, Gerald. **Beachheads: War, Peace, and Tourism in Postwar Okinawa**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2012. Versão e-book.

GÓES, Raïssa de. **O que resta do esquecimento — uma pesquisa de artista e um olhar sobre as ruínas de Dahn Vo e as sombras de Hiroshima**. Comunicação apresentada no 4º Seminário Letras Expandidas, organizado pelos alunos da Pós Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, nov. 2015.

HEIN, Laura; JENNISON, Rebecca. “Against Forgetting: Three Generations of Artists in Japan in Dialogue about the Legacies of World War II”. **The Asia-Pacific Journal**, v. 9, n. 30, 25 jul. 2011. Disponível em: <http://www.japanfocus.org/-Laura-Hein/3573>. Acesso em: 30 mar. 2015.

JENNISON, Rebecca. “Unspeakable Bodies of Memory: Performance and Precarity in Recent Works by Yamashiro Chikako”. *京都精華大学紀要 (Kyōto Seika Daigaku Kiyō)*¹⁰, Quioto, n. 44, p. 181-200, 2014.

MORRIS, Rosalind C (Org.). **Can the subaltern speak? Reflections on the history of an idea**. Nova York: Columbia University Press, 2010.

PAJON, Céline. “Understading the issue of U.S. Military Bases in Okinawa”. **Asie. Visions**, Paris, n. 29, p. 4-22, 2010. Tradução do francês para o inglês por Nicholas Sowell

RABSON, Steve. “The Politics of Trauma: Compulsory Suicides During the Battle of Okinawa and Postwar Retrospectives”. **Intersections: Gender and Sexuality in Asia and the Pacific**, Canberra, n. 24, jun. 2010. Disponível em: <http://intersections.anu.edu.au/issue24/rabson.htm#t37>. Acesso em: 26 nov. 2015.

REYNOLDS, Isabel; SHARP, Andy. “Japan Overturns Move to Block Expansion of U.S. Base in Okinawa”. **Bloomberg Business**, 27 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-10-27/japan-overturns-move-to-block-expansion-of-u-s-base-in-okinawa>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ZOHAR, Ayelet._____. “Camouflage, Photography and [In]visibility: Yamashiro Chikako’s *Chorus of the Melodies* series (2010) and Beyond”. **Trans-Asia Photography Review**, Ann Arbor, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.7977573.0003.105>. Acesso em: 10 mai. 2015.

Mídias consultadas¹¹

Blog da artista Chikako Yamashiro. Disponível em: http://blog.goo.ne.jp/sorashi_a-sa. Acesso em: 12 abr. 2015.

Primeiro resultado da busca por “Okinawa” no site Google Imagens. Disponível em: <https://www.expedia.com.br/Okinawa.d10805.Guia-de-Pacotes>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Associações de Províncias no site do Consulado Geral do Japão em São Paulo. Disponível em: http://www.sp.br.emb-japan.go.jp/pt/cultura/bolsa_kenpi.htm. Acesso em: 17 nov. 2015.

Lei nº 14.471, de 10 de julho de 2007, da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=11072007L%20144710000. Acesso em: 24 nov. 2015.

¹⁰ Título do periódico em inglês: Journal of Kyoto Seika University.

¹¹ Em ordem de aparição no texto.

Grande festival do cabo de guerra em Naha. Disponível em: [http://www.oki-islandguide.com/things to do/naha-great-tug-of-war-festival](http://www.oki-islandguide.com/things_to_do/naha-great-tug-of-war-festival). Acesso em: 30 out. 2015

Site da exposição “Into the Atomic Sunshine — Post-War Art under Japanese Peace Constitution Article 9”. Disponível em: <http://www.shinyawatanabe.net/atomicsunshine/okinawa/indexen.html>. Acesso em: 16 jul. 2015.